

EUCARISTIA NA ERA DIGITAL: A QUESTÃO DA PRESENÇA E DA PARTICIPAÇÃO

EUCHARIST IN THE DIGITAL ERA: THE QUESTION OF PRESENCE AND PARTICIPATION

*Leomar Antônio Brustolin**

Resumo

A realidade das celebrações eucarísticas, transmitidas pela televisão e pela internet, é o objeto de estudo do artigo. Considerando dificuldades e possibilidades de compreender a comunicação litúrgica pelas mídias, o texto reflete teologicamente sobre o significado da participação, da presença, da comensalidade e da sacramentalidade da Eucaristia. Evitando julgamentos precipitados e ponderando a prática eclesial na era digital, apresentam-se elementos para o debate sobre comunicação e liturgia no contexto atual.

PALAVRAS-CHAVE: Eucaristia. Presença. Participação. Comunicação.

Abstract

The reality of the Eucharistic celebrations broadcast on television and the Internet is the subject matter of this article. Considering the difficulties and possibilities of understanding liturgical communication by the media, it reflects theologically on the meaning of participation, presence, commensality and the sacramentality of the Eucharist. Avoiding hasty judgments and considering the Church's practice in the digital era, elements to the debate on communication and liturgy in the current context are presented.

KEYWORDS: *Eucharist. Presence. Participation. Communication.*

* Doutor em Teologia e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCRS. E-mail: <leomar.brustolin@puers.br>.

Introdução

Atualmente, o ser humano depara-se com sinais e linguagens inéditas, experiências e meios antes desconhecidos. Essa influência marcou de tal forma o nosso tempo que afetou a própria relação do ser humano com o mundo. As mudanças rápidas e profundas interpelam novos caminhos para o anúncio e a vivência da fé cristã. As novidades tecnológicas mudam os hábitos de percepção da realidade. Produzem a refração ao discurso abstrato e meramente racional. Fazem emergir uma abertura e uma nova sensibilidade para a linguagem simbólica e o comportamento ético.

As inovações causam impacto sobre a forma de ser cristão no mundo. Alteram também as possibilidades de relação com o mistério, pois a Palavra de Deus pode ser acolhida pelo rádio, pela televisão ou pela internet. O cristão não depende mais da imprensa de Gutenberg para acolher e anunciar os dados de sua fé. Assim, até a celebração da Eucaristia é influenciada. Crescem em todo mundo as missas transmitidas pela televisão, e mais recentemente, via *web TV*. As estatísticas revelam que a audiência é significativa. O problema dessas liturgias midiáticas consiste em garantir que elas conservem o essencial do patrimônio da fé e assumam novos modos e valores de linguagem. A relação não é tão pacífica. Qualquer resposta imediata a essa aporia pode cair na simplificação da questão e propor uma pseudossolução. Uma análise necessária recai sobre a compreensão de alguns conceitos imbricados na relação entre Liturgia e Comunicação.

A principal questão teológica suscitada pelas celebrações litúrgicas, transmitidas pelos meios eletrônicos, concentra-se sobre o binômio *presença e participação*. Nesse sentido, resta definir qual é a diferença entre a transmissão direta, isto é, mediante os meios naturais da visão e da audição, e as transmissões midiáticas pelo rádio, pela televisão ou pela internet. A dificuldade está em responder essa questão e também em formulá-la corretamente. Diante da complexidade, a prudência é fundamental.

O debate não é recente. Desde que a missa televisionada firmou-se nas programações das emissoras, desencadearam-se muitas polêmicas. De um lado, os comunicadores reivindicam qualificar e expandir a comunicação da Igreja. Para isso, muitas vezes, é preciso acolher a linguagem midiática que exigem certas concessões da linguagem litúrgica. De outro lado, estão os liturgistas questionando a plausibili-

dade da celebração da Eucaristia através do meio eletrônico, pois o sentido da presença e da participação da comunidade no sacramento supõe alguns fatores que determinam a sua compreensão. Com o avanço da tecnologia da informação, com o desenvolvimento da civilização da imagem e da cultura virtual, o debate ganha novas nuances. A vida humana atual apropriou-se dessas novidades e praticamente as *incorporou*. Como relacionar liturgia e comunicação diante da cibercultura?

O presente artigo não pretende dar uma resposta aos impasses. Igualmente não se ocupa em detectar questões de pastoral litúrgica na mídia. Nem se detém na relação religião e mídia contemporânea. Focaliza o estudo sobre questões de fundo teológico para compreender o significado da Eucaristia vivenciada pela televisão e pela internet. O diálogo é necessário. Ambas as partes do debate têm razões para afirmar suas posições. A complexidade da questão, porém, não impede de buscar luzes que evitem uma discussão apenas no plano das práticas. É preciso encontrar os fundamentos que sustentam a reflexão e o debate.

Duas questões se impõem para a reflexão deste estudo: (1) Qual é a natureza da participação dos telespectadores e/ou internautas na celebração eucarística transmitida pela TV e ou *WEB cam*? (2) Como se preserva a especificidade do mistério celebrado liturgicamente quando veiculado pelas novas mídias?

1 Dificuldades

Karl Rahner refletiu sobre a temática nos anos sessenta com o advento da missa televisionada.¹ Para ele a missa não é compatível com sua transmissão televisiva. Ele parte do pudor metafísico para defender sua posição. A questão fundamental se detém no olhar televisivo: *Pode a câmera colher a mesma visão que os fiéis quando participam da Eucaristia?*² Em caso afirmativo, não se veem restrições; mas, em caso negativo, Rahner percebe que a Igreja faz concessões ao sistema midiático e compromete a experiência do sagrado que se conhece na missa. O teólogo acusa a missa televisionada de deixar ver pela televisão o que acontece no interior da Igreja. Ele chega a usar a imagem do buraco da fechadura, como que se

¹ Cf. RAHNER, K. *Missione e grazia*, p. 271-290.

² *Ibidem*.

qualquer um pudesse entrar nesse meio com olhar curioso e não piedoso. Para ele, da mesma forma que o sacramento da Eucaristia não pode ser dado a qualquer pessoa, isto é, há condições para a sua recepção, igualmente ela não deveria ser um evento público nem televisionado. O sacramento teria um público restrito à comunidade eclesial.

Rahner evidencia a diferença que há entre o sagrado e o profano, entre cópia e original. Para ele a transmissão da missa pela TV é sempre considerada uma cópia. E por se tratar de uma celebração densa e íntima, Rahner não aceita que a missa seja televisionada. Ele usa a *Disciplina do Arcano*, afirmando seu valor nas diversas religiões. A palavra *arcano* designa sigilo, segredo. O princípio do arcano se inspira na passagem “Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés e, voltando, vos dilacerem”. Na Igreja antiga, especialmente no tempo dos mártires e na Patrística, havia a regra de ocultar a doutrina cristã e as celebrações litúrgicas aos que não fossem batizados. Tratava-se de um cuidado para preservar a fé e o *kerigma* de uma contaminação pelos cultos pagãos e pelas escolas filosóficas do mundo helenista. Igualmente pretendia preservar a fé de interpretações imediatistas dos catecúmenos, ainda mais impressionados pela experiência da conversão que pela reflexão e compreensão da doutrina, à qual eram introduzidos gradativamente pelo processo catequético de iniciação, de grande duração no tempo. Essa disciplina vigorou até o século VI. Igualmente, Johann Baptis Metz posicionou-se contra o caráter público do culto cristão.³ Para ele, não é possível expor o culto cristão à pressão e à influência de um mundo de imagens sempre mutante, reclamando um resto de pudor metafísico da prática cultural.⁴

Nesse sentido, o templo religioso é o lugar exclusivo para as celebrações e as relações com o sagrado. A posição de Rahner contraria também as missas em estádios e em lugares públicos onde há fácil acesso a todos que se interessam ou têm curiosidade pela celebração cristã. O problema que essa posição levanta obrigaria a uma revisão de toda prática celebrativa da Igreja atual. Mais, exigiria uma nova postura em relação à eclesiologia, missão e pastoral que se realiza, pois reclama uma iniciação cristã que infelizmente a catequese sacramental,

³ Cf. SCHILSON, Arno. A missa na televisão e na rádio. In: BROUARD, Maurice (Org.). *Eucharistia*: Enciclopédia da Eucaristia. p. 724.

⁴ Cf. METZ, Johann Baptis. *Die elektronische Falle*. Theologische Bemerkungen zum religiösen Kult im Fernsehen. Concilium 29, 1993, p. 504s.

ao abandonar a metodologia do catecumenato da Igreja primitiva, não consegue mais fazer. Por isso a premissa de Rahner, apesar de válida, precisa ser estendida a tantas outras dimensões da vivência cristã que implicaria uma mudança profunda, nada fácil.

A posição de Rahner, Metz e inclusive de Romano Guardini, questionando a legitimidade da transmissão de celebrações cristãs pela televisão, e atualmente, por analogia, pela internet, é combatida por quem defende o uso de tais recursos para a transmissão da fé e do culto eucarístico. É o caso de Arno Schilson: “A realidade litúrgica tornada pública pela transmissão televisionada não significa necessariamente a destruição do mistério, mas pode pôr em evidência sua atração. O mistério não é mistério acessível se não for revelado como mistério”.⁵

Outras questões devem ser consideradas. Algumas experiências de missas televisionadas e via *internet* têm revelado que a linguagem, o estilo e a mensagem de determinados grupos religiosos entram nos recantos das paróquias e dioceses, criando formas paralelas de viver a fé cristã dentro de uma mesma comunidade. Inclusive com engajamento financeiro para sustentar a obra que o programa de TV ou da internet propõe. O desafio, neste caso, é como manter a referência comunitária essencial no cristianismo. O próprio conceito de comunidade é colocado sob suspeita diante das comunidades virtuais que crescem. Com o avanço da mídia, muitos católicos deixam de se identificar com uma comunidade paroquial e assumem uma identidade globalizada que, não raras vezes, entra em conflito com a prática eclesial da comunidade local. Criam-se novas formas de recepção dos sacramentos, insiste-se em algumas práticas devocionais e nem sempre se expressa a comunhão pastoral da Igreja em nível nacional e diocesano.

A influência da linguagem e propósitos da mídia atual sobre a vida cristã é outra questão a ser analisada. Muitas expressões religiosas se constroem pela mídia e transformam a fé em produto do mercado, gerando adeptos, indivíduos consumidores do sagrado. Através dos meios de comunicação de massa dilui-se a experiência comunitária da religião e esvazia-se o caráter inter-relacional que a fé exige. Por conseguinte, aumenta a religiosidade da emoção, do sentimento e da euforia, em detrimento da fé pautada por uma revelação que exige uma práxis e uma formulação racional.

⁵ Cf. SCHILSON, Arno. A missa na televisão e na rádio. In: BROUARD, M. (Org.) *Eucharistia: Enciclopédia da Eucaristia*, p. 726.

Os meios de comunicação têm a capacidade de influir não só nas maneiras de pensar, mas também nos conteúdos do pensamento. Para muitas pessoas a realidade corresponde ao que os meios de comunicação definem como tal; o que eles explicitamente não reconhecem, parece insignificante.⁶

2 Possibilidades

Durante muito tempo, antes da invenção da imprensa, o meio mais comum de comunicação era a linguagem oral e a imagem. Nesse período, a fé cristã encontrou no recurso visual uma excelente forma de comunicar o mistério da salvação. Para isso valeu-se da escultura, da pintura, dos vitrais e de tantas outras manifestações culturais. Desde os desenhos das catacumbas aos monumentos das catedrais medievais, a arte ocupou lugar privilegiado para comunicar simbolicamente a verdade transcendente.

Foi com o advento da imprensa que a letra impressa tornou-se o meio privilegiado de comunicação. O livro se impôs como o melhor meio para a transmissão da cultura. Na Igreja, difundiram-se os catecismos como forma de alimentar a fé dos cristãos. Essa mudança da imagem para a letra impressa serviu muito para a comunicação da fé, mas, hoje, outras formas de comunicação interpelam o ser humano e a própria Igreja. Estimulam as palavras de Paulo VI para esse novo olhar que a modernidade sugere: *O fato de vivermos numa civilização da imagem deverá impulsionar-nos a utilizar, na transmissão da mensagem evangélica, os meios modernos postos à disposição por esta civilização.*⁷

Não desprezar as diversas formas de comunicação que a humanidade conhece é uma condição inerente à fé cristã. A comunicação não é simples movimento psicológico próprio da natureza humana. Trata-se na verdade de uma categoria fundamental da revelação cristã. Deus revela sua própria essência: seu amor trinitário. Na encarnação do Verbo, Deus se comunica de forma excelente. Na vinda de Jesus Cristo, ocorre o maravilhoso encontro entre céu e terra, numa comunicação que ultrapassa os limites do tempo e do espaço. É assim que Deus se adapta à linguagem que os seres humanos são capazes de entender e aos meios com os quais se comunicam.

⁶ ECUMÊNICO VATICANO II. *Aetatis Novae*, 4.

⁷ PAULO VI. *Evangeli Nuntiandi*, 42.

Faz-se necessária uma boa utilização dos meios de comunicação num país continental como o nosso e com muitos desafios no atendimento pastoral. Tem-se conhecimento de que em algumas comunidades brasileiras os fiéis se reúnem diante da televisão para participar (*sic*) da missa. De outra forma não teriam acesso ao sacramento. Igualmente, muitas pessoas, impedidas de frequentarem a comunidade por doenças ou outras situações, têm encontrado nesse momento o conforto necessário para prosseguir no caminho de Jesus.

Há muitas outras dificuldades e possibilidades imbricadas na missa televisionada, mas não cabe aqui analisá-las. Vamos nos ocupar agora da semântica de alguns vocábulos que estão em jogo nessa relação para impostar melhor a questão e a reflexão. Trata-se de verificar o significado da participação e da comensalidade na celebração eucarística para ver a sua possibilidade pelos Meios de Comunicação Sociais.

3 O conceito de participação

Conforme a Sacrosanctum Concilium, a celebração eucarística é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda a sua força.⁸ Ora, a liturgia cristã visa, em primeiro lugar, celebrar o mistério salvífico de Cristo. Mediante a fé, quem participa da celebração eucarística capta interiormente a ação redentora do Ressuscitado que atua pelo Espírito Santo. Na medida em que o fiel assume essa ação redentora, ele edifica a sua santidade. Somente pela santidade originada pela participação na celebração da memória de Cristo é que o fiel pode tributar o verdadeiro culto de adoração em espírito e verdade. As duas dimensões fundamentais da liturgia, portanto, dependem da participação: descendente, ou de santificação, e ascendente, ou de culto. A reforma litúrgica promovida pelo Concílio Vaticano II teve como uma das finalidades favorecer e otimizar a participação da comunidade nas celebrações da Igreja.

O vocábulo participação deriva do latim tardio e significa *participatio – partem capere*: tomar parte. É sinônimo de adesão e de intervenção. Era usado, por exemplo, no sentido de participar do teatro e da competição esportiva. O termo implica uma riqueza de significados: participação na vida cultural, social e na comunidade internacional. Em síntese, pode-se dizer que participação traduz a inter-

⁸ Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium*. n. 10.

relação e a comunhão; por isso tem como equivalentes: relacionamento, comunicação, semelhança, ligação, vinculação.

No léxico litúrgico, o conceito já aparece no cânon romano inspirado em *1Cor* 10, 16-18, referindo-se diretamente à recepção do Corpo e do Sangue do Senhor, como expressão de participação máxima. No âmbito da liturgia, entretanto, conhece-se a múltipla estratificação do vocábulo. Os termos gregos *méthexis*, *metochê*, *koinonia* passam à tradução latina como *participatio*, inicialmente na filosofia e depois no uso litúrgico. No contexto litúrgico, o termo é usado em sintagmas como *participatio sacramenti*, *participatio sacri mysterii*, *participatio misericordiae*, *participatio muneris divini*.

Tal como a ação, também a participação supõe sempre a percepção do objeto para o qual se dirige. Não é de admirar que a participação na celebração refira-se ao sacramento, ao mistério e à História da Salvação. Nesse sentido, a participação no âmbito litúrgico comporta três aspectos: a ação de participar, alguma coisa de que se participa e os participantes.

- a) *A ação de participar* implica atitudes externas e aptidões interiores. Ambas são, por sua vez, suscetíveis de gradualidades e de modalidades diferentes, todas voltadas e dirigidas para a finalidade ou meta da ação participativa.⁹
- b) *Quem participa envolve-se com algo ou alguém*. Na liturgia, então, trata-se do mistério celebrado, dele fazendo o memorial. Para não se reduzir à mera formalidade, a participação não pode apoiar-se apenas em atitudes externas, pois deve chegar às aptidões interiores dos participantes. O mistério celebrado exige toda atenção atual, inteligência e compreensão da celebração. O participar se realiza pela ação externo-ritual (gesto, rito, língua, linguagem, adaptação litúrgica), mas não se esgota nos sinais litúrgicos usados de modo adequado e apropriado. É preciso transcender e ultrapassar o âmbito semântico-ritualista para penetrar no cerne da ação litúrgica. Enfim, a participação externa é apenas o primeiro estágio da participação na celebração que é a ensimesmação

⁹ Constata-se, contudo, que muitas pessoas se envolvem muito pouco nas celebrações sob o plano simbólico por que a maioria permanece fora do mecanismo iniciático com o qual o rito pretende envolvimento. Cf. GRILLO, Andrea. La messa e lo spot. Pericolose dimenticanze e sorprendenti affinità. In: BONACCORSO, G. GRILLO, A. *La fede e Il telecomando*, p. 54.

subjetiva e objetiva ao *mysterium-sacramentum* (participação interior).

- c) *As pessoas participantes* devem tornar-se cada vez mais atores-fazedores da celebração.¹⁰ Eles participam de uma ação na qual se acham envolvidas outras pessoas que interagem entre si – a Igreja – e onde estão presentes também as Pessoas Divinas – a Trindade. Por causa dessa participação do Mistério, a expressão *participação* assume necessariamente sob novo título, modalidades diversas e tonalidades múltiplas. A celebração nunca pode ser rotineira. Ela é a ação de Jesus na força do Espírito Santo para a glorificação do Pai em cada ato litúrgico. Nesse sentido a participação na celebração é muito mais do que *communio-communicatio*. Ela se torna resposta pessoal do fiel na única *persona mystica* – o Corpo de Cristo: a Igreja.

Enfim, constata-se que o significado da participação litúrgica supõe uma resposta poliédrica. É possível, contudo, destacar alguns aspectos. Primeiro, a celebração não é pura cerimônia, nem resultado de condicionamentos culturais, sociológicos e religiosos de certa comunidade humana. O participar da liturgia se distancia do modo comum de falar quando as pessoas se referem às participações esportivas ou teatrais, ou a atos civis ou militares. Segundo, a celebração não pode ser reduzida a momento didático – catequético durante o qual a assembleia recebe a explicação de algumas verdades. Participar não depende de compreender *tudo* o que está acontecendo. Terceiro, a celebração torna presente o que as Pessoas Divinas realizaram pela salvação do ser humano dentro do povo que elas escolheram para si. Participar, nesse sentido, é tornar presente, do modo mais adequado, em Cristo, a intervenção de Deus na História. Isto é recordado no ato litúrgico e revivido em sua plenitude no hoje celebrativo. Quarto, celebrar é fazer brilhar a epifania do divino. É solenizar a relação que se realiza pela graça divina comunicada aos que participam da ação litúrgica, por isso a participação significa acolhimento ativo e disponibilidade diante da intervenção de Deus.

¹⁰ “Na missa é preciso deixar-se envolver para deixar-se transformar”. GRILLO, Andrea. La messa e lo spot. Pericolose dimenticanze e sorprendenti affinità. In: BONACCORSO, G. GRILLO, A. *La fede e Il telecomando*, p. 54.

4 A comensalidade

O vocábulo comensalidade deriva do latim *mensa* que significa conviver à mesa e isto envolve não somente o padrão alimentar ou o que se come mas, principalmente, *com quem* se faz a refeição. Comensais são os que participam do mesmo banquete. Assim, a comensalidade não é mera consequência de fenômenos biológicos e sim um dos fatores estruturantes da organização social. A alimentação expressa a estrutura da vida cotidiana, do seu núcleo mais íntimo e compartilhado. O ato de comer estabelece uma relação com a criação, com a terra, de onde provêm os alimentos. Isso significa que comer é entrar em comunhão com todo universo. Nesse caso não se trata de consumir no sentido de *devorar*, mas de *comungar* com a realidade cósmica. A ritualização das refeições é documentada desde as primeiras civilizações como expressão de religiosidade.

A Eucaristia remete a essa integração do ser com toda criação e com o Criador. Outra dimensão do ato de comer é a da solidariedade. Nossa subsistência depende da relação que estabelecemos com tudo o que existe, especialmente com os frutos da criação e com os nossos semelhantes. A comunhão criatural reivindica a comunhão social. Assim, a refeição expressa um ato privilegiado do ser humano que deseja a relação e a comunicação interpessoal. A Eucaristia é concebida como banquete fraterno. Não se come apenas os alimentos, alimenta-se também da convivência com aqueles que compartilhem o mesmo pão e bebem do mesmo vinho. É uma partilha de vidas, esperanças e dores. O pão e o vinho consagrados plenificam o banquete de comunhão com as Pessoas Divinas. A comunhão material tende a manifestar a união e a amizade dos seres humanos entre si e com a Trindade.

A forma mais completa de participação consiste em comungar o Corpo e o Sangue do Senhor. Geralmente denomina-se *comunhão* o ato de receber e comer o pão e beber o vinho. Esta é a parte substancial do banquete eucarístico. Essa dimensão supõe comunicação, participação e partilha. Seria grave reducionismo perder de vista esse multiforme sentido da comunhão eucarística. A partilha supõe dar algo de si aos outros. Não se partilha só o que sobra, mas daquilo que se tem para viver: a mesa, a casa, etc. Na Eucaristia, Jesus partilha seu Corpo e seu Sangue, dá a si mesmo como alimento e bebida para que “todos tenham vida e vida em abundância.” (*Jo* 10,10) Jesus dá tudo de si para que

a humanidade possa ter a vida glorificada e eterna. Ele reparte o pão da Palavra e o pão da Eucaristia.

Um único Sangue circulando pelo Corpo da comunidade, levando o oxigênio do Espírito a cada célula. Como o ar que nos envolve e respiramos sai modelado em palavra e propaga a vibração e é mediador de comunicação verbal. Como a luz que nos envolve e atua em nós, refletindo-se revela nossa figura pessoal e é mediadora de presença mútua. Assim o Corpo glorificado de Cristo se faz meio de comunicação e comunhão”.¹¹

Ao dom de dar, cabe a resposta de receber e acolher. A comunhão, então, é também comunicação vital. Na ação litúrgica há graus e formas típicos, em relação tanto ao sacramento que se celebra: o batismo é diferente da celebração da penitência; quanto à ação litúrgica: participar da Liturgia das Horas é diferente de participar da Eucaristia; quanto, ainda, em razão do sacerdócio de que são dotados os fiéis ou os ministros: comum ou ministerial. Há, portanto, graduações diversas. A participação externa da celebração não pode basear-se em critérios subjetivos e sob formas arbitrárias. Na verdade a participação externa deve ser expressão da atitude interior e tem como finalidade a compreensão do mistério. A compreensão, contudo, não se limita ao conceito e nem à sensação de quem celebra. O certo é que a participação não aceita a apatia; ela supõe certo engajamento que tem expressão multiforme.

Toda a comunicação sacramental pressupõe e funda-se no engajamento. O tipo de conhecimento transmitido desperta sempre um interesse engajado. A verdade comunicada e o seu próprio significado fundam-se numa abertura ao engajamento participativo. A qualidade dessa participação é misteriosa. A vida humana é repleta de informações e dados que nem sempre supõem envolvimento e interesse. O conhecimento da Ciência, da História e do cotidiano não dependem de forte engajamento existencial. Diferente é o nível de interesse do sacramento, pois se trata de um conhecimento que demanda do engajamento subjetivo existencial e experiencial. Ao dom oferecido impõe-se uma tarefa correspondente. A comunicação de um sacramento não se realiza por mero significado externo e objetivo, pois supõe conexão com a vida interior dos destinatários. Os sacramentos

¹¹ SCHÖKEL, L. A. *Meditações Bíblicas sobre a Eucaristia*, p.118.

medeiam algo diferente da inteligibilidade da experiência cotidiana, pois estão vinculados a uma experiência de transcendência. Isso supõe uma experiência existencial participativa e engajada. Quem se engaja deve estar presente realmente. Quem participa da mesma mesa, deve comungar o sentido de partilhar o alimento na presença dos comensais.

5 O presencial

Do conceito de presença, para o nosso estudo, derivam duas situações: a presença efetiva dos fiéis na celebração televisionada e a presença real de Cristo que se dá em alimento à sua Igreja, mas que é recebido de forma espiritual aos fiéis que acompanham a missa pela mídia. As novas tecnologias fazem emergir inéditas circunstâncias que possibilitam *novas* presenças e interações.

No passado, os moralistas estabeleciam o critério da distância para decidir se, em certas circunstâncias, uma pessoa estava presente ou ausente. No entanto, o conceito de presença é analógico e por isso admite-se que há modos diversos e graus diferenciados de estar presente. Exemplo disso é a bênção do Papa *Urbi et Orbi* que reconhece como suficiente a copresença dos fiéis por rádio, televisão ou internet para a aquisição da indulgência. A ressalva que se faz, nesse caso, é que a ação litúrgica não seja gravada, mas transmitida ao vivo. Outra situação nova é a confissão via telefônica. Sua validade sacramental é duvidosa em teoria, mas quase a unanimidade dos moralistas considera uma prática aceita em caso de extrema necessidade e com a absolvição dada *sub conditione*. A situação dos católicos chineses é outra exceção necessária. Em 26 de outubro de 1980, iniciou-se a radiodifusão da missa em chinês. Esse era o único modo pelo qual os católicos da China podiam ouvir a missa na forma pós-conciliar e no seu idioma.

O impasse parece crescer quando há situações nas quais a presença próxima é determinante. Ninguém faz um banquete familiar festivo *on-line*. Assim, a participação física garante a comunhão de mesa que se faz na relação dos corpos presentes que interagem visualizando claramente a unidade que se deseja. Aqui se situa a ceia eucarística que tem, necessariamente, um caráter de sacramento do Corpo de Cristo congregado ao redor da mesma mesa e irmanado pelo sacrifício do Senhor. Uma ação típica do ser corporal é o comer juntos e esse é o sinal essencial na missa. Isso não parece concebível sem a proximidade local. Mesmo se houvesse a estranha possibilidade de uma consagração do pão

e do vinho à distância e se houvesse a reciprocidade da comunicação verbal, a situação não corresponderia ao conceito de pessoas que comem e bebem juntas. Estar junto, nesse caso, denota sentar ao redor da mesma mesa, na partilha de bens materiais e espirituais.

Na Eucaristia a iniciativa é de Cristo, como na última ceia, por ocasião da sua instituição. Jesus dá o pão, expressa assim a sua entrega total para a nossa salvação. A ceia e o sacrifício da cruz estão integrados. Jesus também faz circular o cálice com o vinho da nova e eterna aliança; mostra, assim, o derramamento do seu Sangue. Por isso, a Eucaristia expressa todo dinamismo da vida, paixão, morte e ressurreição de Cristo. Há um dar e um receber: o pão e o vinho, a salvação, o amor de Deus. Ao dom oferecido corresponde a acolhida comensal, no banquete salvífico. Nesse sentido há um vínculo determinante da Eucaristia com o mistério pascal, com a História da Salvação e com a escatologia.

Os sacramentos comunicam a transcendência, e por isso provocam a transformação da pessoa e da realidade. É uma transformação multifacetada e com muitos objetos. Transformam pessoas, medeiam a conversão, provocam o engajamento. Não é possível pensar um encontro com Deus que não envolva uma transformação do sujeito que se encontra, influenciando e pautando o comportamento das pessoas. Os sacramentos são princípios da ação divina que suscitam a resposta da fé.

6 A presença de Cristo

Na Eucaristia quem está presente e se dá como comida é o *Kyrios*, que se oferece em comunhão com sua vida divina.¹² Não é uma coisa que se torna presente, mas é Alguém, uma Pessoa Viva que se faz alimento e se doa para dar vida plena a outras pessoas. É uma pessoa glorificada, e por isso seu Corpo pode se doar totalmente para a comunhão plena. Isso significa que não é possível entender a Eucaristia partindo de quem a recebe, dos elementos do pão e do vinho, ou da comunidade reunida, mas somente através de Cristo mesmo, que se dá aos fiéis como o Ressuscitado.

A presença eucarística de Cristo não pode ser entendida como presença corporal e local, pois é uma presença sacramental e universal, que tem sua raiz na sua vida gloriosa atual, e no seu hoje *kairológico*.

¹² Cf. ALDAZÁBAL. J. *A Eucaristia*. p. 316ss.

Ele não está condicionado pelos limites do corpo mortal e temporal. A Eucaristia, contudo, é corpo verdadeiro. Não é uma figura, uma imagem ou um sinal que faz lembrança de Cristo. É uma presença real e objetiva, que não depende da subjetividade de quem o recebe, não é fruto da imaginação, ou apenas da fé. É importante acolhê-Lo na fé pessoal, mas não é ela que torna o Cristo presente. A fé permite receber o Cristo que se dá. É uma presença substancial, onde o pão e o vinho não são apenas alimento e bebida, mas remetem à realidade total do corpo do *Kyrios* ressuscitado.

O Cristo que se dá na Eucaristia não pode ser entendido como aquele que está na *Eschaton*, mas o que é o *Eschatói*.¹³ Ele se dá na totalidade do seu ser, que engloba encarnação, redenção e glorificação. Não é só o Menino Jesus ou o crucificado que se dá em alimento, mas o *Kyrios* da glória, que se encarnou, padeceu, morreu e ressuscitou.¹⁴ No pão e no vinho está a presença mais densa e privilegiada de Cristo na Eucaristia; contudo, outras presenças também devem ser recordadas. Cristo está presente na Palavra proclamada. Ele é a encarnação da Palavra (*dabar*) do Pai para a humanidade: “O próprio Cristo, por sua palavra, se acha presente no meio dos fiéis”.¹⁵ A Eucaristia, portanto, possui a dupla mesa: do Pão e da Palavra. Em ambas se manifesta a única presença do Ressuscitado.

Cristo também está presente na comunidade reunida e em seu presidente, que faz as vezes de Cristo e visibiliza o *Kyrios* como cabeça da comunidade. A comunidade reunida é o primeiro sacramento, o lugar por excelência da presença operante do Senhor. Os diversos modos de manifestar a presença real e pessoal de Cristo estão totalmente relacionados entre si. A comunidade, a Palavra, o pão e o vinho expressam visivelmente o Cristo presente, que reúne, fala e alimenta seu povo.

O Papa Paulo VI, em 1965, na Encíclica *Mysterium Fidei*, elenca as diversas presenças do Ressurrecto na história humana: a comunidade orante, a comunidade que exerce as obras de misericórdia, a Igreja peregrina e, sobretudo, a comunidade que celebra a Eucaristia e os demais sacramentos. A presença estritamente eucarística se chama real, não por exclusão, como se as outras não fossem presenças reais, mas por antonomásia.¹⁶

¹³ *Ibidem*, p. 320ss.

¹⁴ *Ibidem*, p. 317.

¹⁵ MISSAL ROMANO. *Introdução Geral ao Missal Romano*, n. 33.

¹⁶ PAULO VI. *Mysterium Fidei*. 1965.

A visão global da multiforme presença pessoal do Cristo em nossa vida e nos sacramentos não reduz o valor e a densidade de sua presença no pão e vinho consagrados. Esses dois elementos plenificam a doação de Cristo como alimento escatológico à sua comunidade. A presença de Cristo sempre é real e pessoal, ativa e salvadora. Dentro do conjunto de suas manifestações, brilha com luz própria a presença eucarística.

A presença de Cristo não pode ser concebida de uma maneira coisificada. Quando Ele está presente no pão e no vinho consagrados, essa não é a finalidade última do sacramento. A finalidade é a comunidade, a salvação dos fiéis. É uma *presença para*, cuja finalidade é *in-corporar* as pessoas na vida escatológica. Conforme a Escolástica, a *res* da Eucaristia, isto é, seu efeito fundamental, é a comunhão de todos com Cristo e entre si.

Cristo se identifica de forma misteriosa com o pão e o vinho que se convertem em seu Corpo e seu Sangue pela ação do Espírito Santo. Trata-se, portanto, de uma presença que pode ser denominada objetiva e ontológica. Essa presença, entretanto, não termina nos elementos materiais, ainda que sublinhem seu papel de representantes simbólicos de toda a criação. A presença tem uma intenção interpessoal. O pão e o vinho se convertem numa presença que expressa o meio que Jesus pensou para tornar possível nossa *in-corporação* sacramental à sua vida de ressuscitado e a participação em sua nova aliança. Nos primeiros séculos da fé cristã, usam-se as expressões *conversão*, *mudança*, *transformação*, *santificação*, para explicar a presença do Cristo no pão e no vinho após a consagração. A presença é sacramental. Isso nos remete ao conceito de sacramentalidade

7 Sacramentalidade e presença

A noção de sacramentalidade torna possível o contato entre a transcendência e a existência humana. Através do sacramento pode acontecer que o sinal atualizado e conhecido seja a única forma pela qual ele possa ser acessado pelos humanos. O sacramento torna presente e atual um conhecimento e um dado de natureza simbólica da fé, da Revelação e da Escritura.

A fé é algo que engaja e compromete todo o ser da pessoa. Ela não pode ser reduzida à função do intelecto, porque fé não é conhecimento. A presença de Deus na subjetividade humana é sempre mediada historicamente. O encontro pessoal com Deus é expresso pela linguagem

da experiência humana. O sacramento tem a função de tornar presente uma realidade que está além de si mesmo. Deve-se olhá-lo através dele e além dele para a realidade que nele se revela. São Tomás de Aquino, baseado em Aristóteles, assumiu a teoria hilemórfica, segundo a qual há dois princípios para a realidade: a matéria e a forma. A forma refere-se à modalidade do ser. A matéria trata da individuação de cada ser. Juntas, matéria e forma, compõem uma entidade única, um ser indiviso e unificado. A linguagem sacramental possibilita que a relação entre Deus e o ser humano seja sempre interativa.

Na comunicação sacramental, há certa prioridade do sistema simbólico em relação à experiência do seu significado, porque pretendem mediar a participação dos seres humanos em Deus. Deus, enquanto espírito, habita em todos os seres humanos, numa presença imanente à personalidade e à subjetividade de cada indivíduo. Na consciência humana, porém, essa presença não é objeto claro e explícito. Ela pode ser manifestada como uma experiência do desejo de liberdade, sem tematizar o transcendente ou o sagrado. Pelos sacramentos, explicita-se a presença, a priori, de Deus no ser humano. Dessa forma as pessoas participam conscientemente da vida divina mediante uma consciência reflexiva.

Os sacramentos inserem no mistério, comunicam o transcendente e constituem o inefável. A inserção da resposta humana no mistério é descrita com o termo *mistagogia*. A epistemologia mistagógica refere-se à presença de Deus na consciência humana, desta, o sacramento é instrumento através do qual o espírito humano é conduzido para fora de si mesmo, para além da realidade finita, para a esfera do mistério absoluto. Deus não está apenas no transcendente a este mundo, ele é presença no mundo, e os sacramentos o tornam presente. Na criação de tudo, na encarnação do Verbo, e através da graça, Deus expressa sua presença na interioridade das coisas. É por isso que o próprio mundo é um mistério, porque o Deus transcendente não lhe é estranho e encontra-se em seu cerne.

A presença de Deus nos sacramentos se expressa na relação matéria e forma. Assim, apreendem-se de forma consciente e objetiva, definida e específica as expressões reais da atividade de Deus com seu poder criador e salvador na História. Há diferentes dimensões na comunicação religiosa. Os sacramentos comunicados pela mídia nem sempre serão apreendidos em nível religioso. Por exemplo, quando dois telespectadores ouvem as narrativas evangélicas sobre Jesus, um pode

sentir-se envolvido e afetado pela mensagem, enquanto o outro pode não sentir absolutamente nada. Alguém poderá objetar ao dizer que também na celebração presencial há essa possibilidade. É verdade, mas pela mídia as chances de distração por elementos externos são maiores.

Os sacramentos são polissêmicos, pois a linguagem simbólica não é linguagem literal, ela não está associada ao significado conceitual claro. Os sacramentos apelam para a experiência da pessoa como um todo: a inteligência, a vontade, a emoção, os valores e a imaginação. A qualidade polivalente e polissêmica dos sacramentos permite explicitar e facilitar a unidade das diferenças. Eles unem o passado, o presente, e os vários subgrupos da comunidade cristã, nas diversas culturas e em diferentes tempos históricos. A abertura que os sacramentos dão para o encontro com o mistério permite formar uma comunidade na diversidade.

Considerações finais

Apesar das objeções sobre a transmissão das celebrações eucarísticas via televisão e internet ainda persistirem, a prática parece estar mais conformada às proposições positivas da *Communio et Progressio*¹⁷ e do atual Código de Direito Canônico.¹⁸ Igualmente, constata-se o aumento do número de transmissões das celebrações eucarísticas, especialmente via internet, onde é mais fácil comunicar-se com custo praticamente inexistente. Evitando pré-conceitos, é preciso acolher, mesmo diante das inseguranças, as novidades desta fase histórica. Nesse sentido, vale o que está no Decreto *Inter Mirifica* do Concílio Vaticano II, aprovado em 4 de dezembro de 1963:

A Igreja Católica, tendo sido constituída por Cristo Nosso Senhor, a fim de levar a salvação a todos os homens e, por isso, impelida pela

¹⁷ O número 150 afirma: Os programas religiosos, adaptados à Rádio e Televisão, criam novas relações entre os cristãos, e um enriquecimento da vida religiosa. Contribuem para a educação cristã e para o empenho da Igreja no mundo. *São úteis para doentes e pessoas idosas, que não podem participar diretamente na vida litúrgica. Estabelecem um elo de relação com todos os homens que, separados oficialmente da Igreja, buscam, contudo, alimento espiritual. Levam a mensagem do Evangelho às regiões onde a Igreja ainda não existe.* A Igreja, portanto, deve esforçar-se para que tais programas sejam continuamente melhorados com novos recursos técnicos e artísticos. (grifo nosso)

¹⁸ Cf. Cânone 772,2.

necessidade de evangelizar, considera como sua obrigação pregar a mensagem de salvação, também para o recurso dos instrumentos de comunicação social, e ensinar aos homens seu correto uso. Portanto, pertence à Igreja o direito natural de empregar e possuir toda sorte desses instrumentos, enquanto necessários e úteis à educação cristã e a toda sua obra de salvação das almas.¹⁹

Enfim, após percorrermos as definições de participação, engajamento, presença e sacramento, impõem-se algumas conclusões que determinam o significado e a operacionalização da celebração através da mídia. Em primeiro lugar é preciso que a missa midiaticizada não seja a encenação do sacramento. Não é possível que ministros e assembleia simulem a participação na celebração eucarística. Para evitar a simulação, é necessário mostrar a verdade. Essa recomendação corresponde à primeira e mais antiga objeção levantada contra as transmissões pelo rádio e televisão sobre ações litúrgicas. Trata-se de considerar o fato da superexposição do sacramento e o risco de reduzir a celebração ao espetáculo teatral. A encenação da liturgia! Sobre isso se deve aceitar o confronto com a linguagem midiática, assumindo uma postura de humildade para que a transmissão aconteça e aceitar essa exposição massiva. Devemos ser vistos, contudo, como realmente somos e não como resultado de superproduções da imagem e do som que simulam sensações e experiências estranhas ao participante de uma liturgia presencial no templo. A comunicação do mistério não pode ser *produzida*. Ela precisa obedecer à lógica da revelação que é infinitamente densa, contudo, se realiza pela concretização da manjedoura de Belém, pela cruz do Calvário e pelo pão e o vinho da Eucaristia. O extraordinário é apreensível somente pela fé. Não é resultado dos efeitos especiais que aguçam os sentidos.

Serve de exemplo a experiência de Jean Rouch,²⁰ um cineasta etnólogo que se deu conta da possibilidade de filmar ritos da religião africana sem afetar-lhes a autenticidade, apesar de sua presença estranha à tribo e da utilização dos instrumentos de filmagem. O pesquisador-artista entendeu que era impossível permanecer escondido. Era preciso que ele entrasse na celebração de forma real e interativa, como um ator (agente) do rito. O que requeria, por vezes, fazer os movimentos

¹⁹ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Decreto Inter Mirifica*, n. 3.

²⁰ Cf. ROACH, J. In: VV.AA. *Principles of Visual Anthropology*. Londres: British Film Institute, 1979.

que a liturgia propunha. Igualmente, o cineasta cuidou de que os espaços e as oportunidades para colher as imagens não atrapalhassem o rito e nem distraíssem os celebrantes.

A Eucaristia é sempre a mesma, mas a linguagem e as circunstâncias de uma transmissão midiaticizada diferenciam o enfoque. A novidade dessa situação está na participação. Além do padre, ministros, acólitos, leitores, cantores e a assembleia presentes na missa, considerem-se os telespectadores e internautas como participantes do ato litúrgico. Evidente que há níveis distintos de participação e formas próprias de interagir numa celebração midiaticizada, mas esse dado é determinante. Se avançarmos mais, perceberemos que, além dessas participações, está a presença ativa da equipe técnica da transmissão: câmeras, iluminadores, sonoplastas, diretores de TV e outros que também interagem para que a celebração televisionada aconteça. É mais uma forma de participar.

A comunicação litúrgica, enfim, realiza-se pelo diálogo entre Deus e as pessoas, e das pessoas entre si. A celebração eucarística é o lugar privilegiado do encontro entre o imanente e o transcendente na experiência cristã. Ninguém vê Deus face a face, toda comunicação religiosa é indireta, realiza-se através de sinais, símbolos, gestos e ritos. Nessa relação, Deus tem a iniciativa de se comunicar na História: é o advento de Deus, que entra na realidade humana e a transforma. De outra parte, ocorre o êxodo humano em direção a Deus, isto é, há uma busca intensa do ser humano para saciar o desejo profundo de entrar em comunhão com Deus. Na intersecção dos dois movimentos, advento divino e êxodo humano, ocorre o diálogo amoroso entre a criatura e o Criador. Essa comunicação entre o visível e o invisível sempre será mediada pela linguagem simbólica. Os conceitos e os símbolos, entretanto, não podem exprimir diretamente a natureza e o pensamento de Deus. São apenas fragmentos ou reflexos da realidade invisível. Deus está além dessas mediações e além dos significados e dos símbolos culturais. Por outro lado, somente através dessas mediações é que o ser humano tem acesso ao Deus que se revela.

Para concluir, recorde-se que a Eucaristia é comunhão, participação e comunicação. Sobre os limites e as vantagens dela ser celebrada pela mídia digital é difícil obter opinião unânime. Percebe-se que há gradualidades de participações e que a comunhão também pode ocorrer a distância. O desafio, contudo, está no sentido da comensalidade e da partilha que são substanciais na Eucaristia. A comunicação sempre supõe partilhar. Hoje há muitos meios que possibilitam uma interatividade

jamais vista ou pensada. O diálogo, a empatia e a relação interpessoal continuam a reivindicar novas oportunidades numa sociedade em constantes mudanças. Optar por novas formas de comunicar a mensagem e a obra de salvação cristã não impede a avaliação crítica sobre a utilização dos meios. Não basta informar. Comunicar é partilhar e interagir, informar faz parte desse processo, mas a Eucaristia não pode ser apenas informação, ela é necessariamente comunhão, isto é, a plena interação. Quem compreende o sentido profundo da missa sabe que a partilha do Corpo e do Sangue de Jesus são expressões plenas da comunicação do Pai que não dá uma informação, mas uma pessoa: o Filho. O Pai comunica seu Filho que é a Palavra, o Logos, a comunicação da vida em Deus. O Pai, mediante a comunhão no Espírito Santo, possibilita que nos tornemos filhos no Filho, pois na entrega do Corpo e Sangue de Jesus está a plena comunicação da Trindade para que a humanidade participe da vida eterna, da glória, da pátria trinitária.

Essa comunhão e comunicação trinitárias são aspectos específicos e inerentes à vocação e missão da Igreja. Para realizar essa vocação missionária, a Igreja não pode, hoje, dispensar a utilização dos meios modernos de comunicação. O fim de todo ato comunicativo cristão é a comunhão, portanto, todos os instrumentos midiáticos que conhecemos e ainda os que serão inventados, deverão ser usados para aumentar a comunicação e a comunhão entre as pessoas. Apesar das grandes possibilidades modernas de comunicar a fé e o mistério via mídia, permanece o desafio da vigilância constante para que a comunhão com Deus e entre as pessoas seja a meta principal.

Referências

- ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BONACCORSO, Giorgio; GRILLO, Andrea. *La fede e Il telecomando*. Televisione, pubblicità e rito. Assisi: Cittadella Editrice, 2011.
- BROUARD, M. (Org.). *Eucharistia*: Enciclopédia da Eucaristia. São Paulo: Paulus, 2006.
- CELAM. *Liturgia e Comunicação Social*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Assembleia Eletrônica Litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 1987. (Estudos da CNBB, 48).
- _____. *Liturgia de Rádio e Televisão*. São Paulo: Paulus, 1994. (Estudos da CNBB, 33).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Missa de Televisão*. São Paulo: Paulinas, 1994. (Estudos da CNBB, 70).

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. In: VIER, Frederico (Coord. Geral). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

MISSAL ROMANO. Restaurado por decreto do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano Segundo e promulgado pela autoridade do Papa Paulo VI. Trad. Portuguesa da 2. ed. típica para o Brasil realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acrésc. aprov. pela Sé Apostólica. São Paulo: Paulinas; Petrópolis: Vozes, 1972.

PAULO VI. *Mysterium Fidei*. In: *Documentos de Paulo VI*. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. *Evangelii Nuntiandi*. In: *Documentos de Paulo VI*. São Paulo: Paulus, 1997.

RAHNER, Karl. *Messa e televisione*. In: *Missione e Grazia. Saggi di Teologia Pastorale*. Roma: Paoline, 1964.

SCHÖKEL, Luis Alonso. *Meditações Bíblicas sobre a Eucaristia*. São Paulo: Paulinas, 1988.

STRIEDER, I. *Missa na televisão*. In: *Perspectiva Teológica*, p. 91-96, 1977.

Recebido: 31/05/2012

Avaliado: 11/06/2012